

Jack Kerouac

ON O MANUSCRITO ORIGINAL THE ROAD

Tradução de EDUARDO BUENO *e* LÚCIA BRITO

Editado por HOWARD CUNNELL

Introduções de HOWARD CUNNELL, PENNY VLAGOPOULOS,
GEORGE MOURATIDIS *e* JOSHUA KUPETZ

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

Encontrei Neal pela primeira vez não muito depois que meu pai morreu... Eu tinha acabado de me livrar de uma doença séria da qual nem vale a pena falar a não ser que teve algo a ver com a morte de meu pai e minha medonha sensação de que tudo estava morto. Com a vinda de Neal realmente começa para mim a parte da minha vida que se pode chamar de vida na estrada. Antes disso eu sempre tinha sonhado em ir para o oeste, ver o país, sempre planos vagos e eu nunca dava a partida mesmo e coisa e tal. Neal é o cara perfeito para a estrada simplesmente porque nasceu na estrada, quando seus pais estavam passando por Salt Lake City em 1926, a caminho de Los Angeles, num calhambeque caindo aos pedaços. As primeiras notícias sobre Neal chegaram a mim através de Hal Chase, que havia me mostrado algumas cartas que ele escrevera num reformatório do Colorado. Fiquei tremendamente interessado pelas cartas por causa do jeito ingênuo e singelo com que elas pediam a Hal para lhe ensinar tudo sobre Nietzsche e todas aquelas maravilhas intelectuais pelas quais Hal era merecidamente famoso. Certa vez Allen Ginsberg e eu falamos a respeito dessas cartas e nos perguntamos se algum dia iríamos conhecer o estranho Neal Cassady. Tudo isso foi há muito tempo, quando Neal não era do jeito que ele é hoje, quando era um delinquente juvenil envolto em mistério. Então chegaram as notícias de que Neal havia saído do reformatório e estava vindo para Nova York pela primeira vez; falava-se também que ele tinha acabado de casar com uma garota de 16 anos chamada Louanne. Um dia eu vagabundeava pelo campus da Colúmbia quando Hal e Ed White me disseram que Neal tinha acabado de chegar e estava morando numa espelunca sem água quente de um cara chamado Bob Malkin no East Harlem, o Harlem espanhol. Neal tinha chegado na noite anterior, pela primeira vez em NY, com sua gostosa gatinha linda Louanne; eles saltaram do ônibus Greyhound na R. 50 e dobraram a esquina procurando um lugar onde comer e deram de cara com a Hector's, e a partir de então a cafeteria

Hector's se transformou para sempre num grande símbolo de NY para Neal. Eles gastaram dinheiro em belos bolos enormes com glacê e bombas de creme. O tempo inteiro Neal dizia para Louanne coisas do tipo, "Então querida cá estamos nós em Ny e embora eu não tenha lhe contado tudo em que estava pensando quando a gente atravessou o Missouri e especialmente na hora em que passamos pelo reformatório de Bonnevillie que me lembrou do meu problema na prisão agora é absolutamente imprescindível dar um tempo em todas as coisas pendentes do nosso caso e sem demora começar a pensar em planos específicos de vida profissional..." e assim por diante do jeito que ele falava naqueles tempos. Fui à espelunca sem água quente com a rapaziada e Neal abriu a porta de cueca. Louanne estava saltando ligeiro da cama; aparentemente ele estava trepando com ela. Ele sempre estava fazendo isso. O outro cara dono do lugar o tal Bob Malkin estava lá mas Neal aparentemente o tinha expulsado para a cozinha, provavelmente para que fizesse café enquanto ele dava prosseguimento às suas questões amorosas.... já que para ele sexo era a primeira e única coisa sagrada e importante na vida, ainda que ele tivesse que suar e blasfemar para ganhar o pão, e assim por diante. A primeira impressão que tive de Neal foi a de um Gene Autry moço --- esperto, esguio, olhos azuis, com um genuíno sotaque de Oklahoma. Na verdade ele tinha trabalhado num rancho, o de Ed Uhl em Sterling Colorado antes de casar com L. e vir para o Leste. Louanne era uma coisinha querida, bonita, mas terrivelmente estúpida e capaz de coisas horríveis, como mostrou mais adiante. Só menciono esse primeiro encontro com Neal por causa do que ele fez. Aquela noite todos nós bebemos cerveja e eu fiquei bêbado e num lero-lero qualquer, dormi no outro sofá, e de manhã, enquanto fumávamos em silêncio baganas dos cinzeiros na luz opaca de um dia sombrio Neal levantou-se nervosamente, andou em círculos, pensativo, e decidiu que a melhor coisa a fazer era mandar Louanne preparar o café e varrer o chão. Aí eu caí fora. Isso era tudo que de início eu sabia de Neal. Durante a semana seguinte contudo ele confidenciou a Hal Chase que tinha que aprender a escrever com ele de qualquer jeito; Hal

disse que eu era escritor e que ele deveria me procurar se quisesse algum conselho. Neste meio-tempo Neal havia descolado um emprego num estacionamento, brigado com Louanne no apartamento deles em Hoboken e só Deus sabe por que eles foram parar lá e ela ficou tão furiosa e tão profundamente vingativa que o denunciou à polícia, uma falsa acusação inventada e confusa e histérica, e Neal teve que se mandar de Hoboken. Portanto já não tinha onde morar. Neal veio direto a Ozone Park onde eu estava morando com minha mãe, e certa noite enquanto eu trabalhava em meu livro ou pintura ou como quer que você o chame bateram na porta e lá estava Neal, curvando-se, introduzindo-se servilmente na escuridão do hall, e dizendo “O-lá, lembra de mim, Neal Cassidy? Vim pedir que você me ensine a escrever”. “E onde anda Louanne?” perguntei, e Neal disse que ela aparentemente tinha batalhado um punhado de dólares prostituindo-se ou algo assim e voltado para Denver... “a piranha!” E então saímos para tomar umas cervejas já que não poderíamos conversar como queríamos na frente de minha mãe, que estava sentada na sala lendo seu jornal. Ela deu uma só olhada para Neal e concluiu na hora que ele era doido. Ela jamais sonhou que também andaria com ele pela louca noite americana mais de uma vez. No bar eu disse para Neal, “Porra cara sei muito bem que você não me procurou só porque tá a fim de virar escritor e afinal de contas o que é que eu teria a dizer a não ser que você tem que se agarrar nisso com a energia de um viciado em benzedrina”, e ele disse, “Sim, é claro, entendo exatamente o que você quer dizer e de fato já tinha pensado nesses problemas mas o caso é que eu almejo a realização de todos esses fatores que dependem da dicotomia de Schopenhauer para qualquer concretização íntima...” e assim por diante, coisas que não entendi e ele ainda menos, e o que quero dizer é, naqueles dias ele realmente não sabia o que estava falando, para dizer a verdade, era um jovem marginal deslumbrado com a maravilhosa possibilidade de se tornar um verdadeiro intelectual e gostava de falar com sonoridade e usando de modo confuso as palavras que ouvira da boca de “verdadeiros intelectuais” embora veja bem ele não fosse tão ingênuo assim

no resto todo, e só precisou de alguns meses com Leon Levisky para ficar completamente por dentro de todo o jargão e estilo da intelectualidade. De qualquer forma eu o amava por sua loucura e nos embebedamos no bar Linden atrás da minha casa e concordamos que ele ficasse na minha casa até arranjar um emprego e além do mais combinamos que algum dia iríamos juntos para o oeste. Era o inverno de 1947. Pouco depois de conhecer Neal comecei a escrever ou pintar meu enorme Town and City, e tinha uns quatro capítulos quando certa noite, quando Neal jantava na minha casa, e já tinha um novo emprego num estacionamento em Nova York, do hotel NYorker na r. 34, ele se debruçou sobre meus ombros enquanto eu datilografava rapidamente e disse “Vamos lá, cara, as garotas não vão esperar, depressa”, e eu disse “Espera um pouco, a gente cai fora assim que eu terminar este capítulo”, e terminei e foi um dos melhores capítulos do livro todo. Então me vesti e nos mandamos direto para NY para encontrar umas garotas. Como se sabe para ir de Ozone Park a Nova York leva uma hora de trem e metrô, e enquanto rodávamos no elevador por cima dos telhados do Brooklyn íamos recostados um no outro, gritando e gesticulando com os dedos e falando com enorme excitação e comecei a ficar doido como Neal. No fim, o que Neal era, simplesmente, era tremendamente apaixonado pela vida, e mesmo sendo um vigarista só trapaceava porque tinha uma vontade enorme de viver e também de se envolver com pessoas que de outra forma não lhe dariam a mínima atenção. Ele estava me enrolando, por assim dizer, e eu sabia, e ele sabia que eu sabia (essa era a base do nosso relacionamento) mas eu não me importava e seguíamos juntos numa boa. Comecei a aprender com ele tanto quanto ele provavelmente aprendeu comigo. Quanto ao meu trabalho, ele dizia, “Vai em frente, tudo que você faz é bom demais”. Fomos para Nova York, as circunstâncias já esqueci, eram duas garotas --- não havia garotas lá, elas deveriam encontrá-lo ou coisa assim e não estavam lá. Fomos até o estacionamento onde ele tinha algumas coisas a fazer --- mudar de roupa no barraco dos fundos e se ajeitar um pouco em frente a um espelho rachado e coisas assim, e logo caímos

fora. E foi nessa noite que Neal conheceu Leon Levinsky. Algo tremendo aconteceu quando Neal conheceu Leon Levinsky... refiro-me é claro a Allen Ginsberg. Duas cabeças iluminadas como eram, eles se ligaram no ato. Um par de olhos penetrantes relampejou ao cruzar com dois outros olhos penetrantes... o santo vagabundo e o grande e angustiado poeta vagabundo que é Allen Ginsberg. Daquele momento em diante quase não vi mais Neal e fiquei um pouco magoado também... As energias deles entraram em fusão. Comparado a eles eu era um paspalho; era incapaz de acompanhá-los. Começou então o louco redemoinho de tudo o que ainda estava por vir e que misturaria todos meus amigos e tudo que restava da minha família numa gigantesca nuvem de poeira sobre a noite americana --- eles falavam de Burroughs, Hunkey, Vicki, ...Burroughs no Texas, Hunkey em Riker's Island, Vicki às voltas com Norman Schnall na época... e Neal falou para Allen sobre gente do oeste como Jim Holmes o craque corcunda das mesas de bilhar e jogador de cartas e santo veado... falou sobre Bill Thomson, Al Hinkle, seus amigos de infância, seus companheiros da rua... eles varavam as ruas juntos absorvendo tudo com aquele jeito que tinham no começo e que mais tarde se tornaria muito mais melancólico e perceptivo... mas nessa época eles dançavam pelas ruas como piões e eu me arrastava atrás como sempre tenho feito toda minha vida atrás de pessoas que me interessam, porque as únicas pessoas que me interessam são os loucos, os que estão loucos para viver, loucos para falar, que querem tudo ao mesmo tempo, aqueles que nunca bocejam ou falam chavões... mas queimam, queimam, queimam como fogos de artifício pela noite. Allen era veado naqueles tempos, experimentando-se por completo, e Neal viu aquilo, e ele mesmo um ex-michê menino na noite de Denver, e querendo a todo custo aprender a escrever poesia como Allen, a primeira coisa que se vê é que ele estava atacando Allen com uma enorme alma amorosa como só um trapaceiro pode ter. Eu estava na mesma sala, eu os ouvi através da escuridão e refleti e disse a mim mesmo "Hummm, algo começou aqui, mas não quero nada com isso". Assim não os vi por umas duas semanas durante as quais eles selaram seu

relacionamento em proporções malucas. Chegou então a melhor época para cair na estrada, a Primavera, e todos nesse bando disperso começaram a se preparar para algum tipo de viagem. Eu estava ocupadíssimo com meu romance e quando estava na metade, depois de uma ida ao Sul com minha mãe para visitar minha irmã, me aprontei para viajar para o oeste pela primeiríssima vez. Neal já havia partido. Allen e eu vimos ele se mandar na estação do Greyhound na rua 34. No andar de cima tem um lugar onde dá para tirar umas fotos baratas. Allen tirou os óculos e ficou com um ar sinistro. Neal posou de perfil e olhou para o lado timidamente. Eu tirei uma foto frontal que me fez ficar parecido, como disse Lucien, com um italiano de 30 anos capaz de matar qualquer um que falasse mal de sua mãe. Essa foto Allen e Neal cortaram cuidadosamente ao meio usando uma lâmina de barbear e cada um guardou a metade na carteira. Vi essas metades mais adiante. Para sua grande viagem de volta a Denver Neal vestia um terno de trabalho típico do oeste; havia encerrado sua primeira farra em Nova York. Digo farra mas ele apenas trabalhou pra cachorro em estacionamentos, o mais fantástico garagista do mundo, capaz dar marcha à ré a sessenta por hora num corredor exíguo e estreito e parar rente à parede, e salta do carro, serpenteia por entre os para-choques, pula para dentro de outro, manobra a oitenta por hora num espaço minúsculo, engrena e entra de ré outra vez em uma vaga apertada com uns poucos centímetros de cada lado e para com um sacolejo no mesmo instante em que puxa o freio de mão; e então sai voando em direção à cabina de controle como um atleta na pista, entrega um tíquete, pula para dentro de um carro recém-chegado enquanto o motorista ainda está saindo, pula literalmente por cima enquanto o outro sai, liga o motor com a porta entreaberta e sai roncando em direção ao lugar disponível mais próximo: trabalhando assim oito horas por noite sem parar, no rush dos fins de tarde e nas horas de saída dos teatros, de calças velhas sujas de graxa com uma jaqueta rota forrada de pele e sapatos gastos com a sola descosturada. Agora para a viagem de volta ele comprou um terno novo; azul com riscas, com colete e tudo, com um relógio e uma corrente

para o relógio, e uma máquina de escrever portátil com a qual iria começar a escrever numa pensão qualquer de Denver assim que arranjasse um emprego por lá. Fizemos uma refeição de despedida de feijão com salsichas no Riker's da 7ª avenida, e logo depois Neal entrou no ônibus cujo letreiro dizia Chicago e que saiu fora rugindo noite adentro. Prometi a mim mesmo seguir na mesma direção tão logo a Primavera realmente desabrochasse e escancarasse a terra. Lá se foi o nosso vaqueiro. E foi exatamente assim que toda minha experiência na estrada de fato começou e as coisas que estavam por vir são fantásticas demais para não serem contadas. Apenas falei de Neal de uma forma preliminar porque na época não sabia nada mais que isso sobre ele. Não estou por dentro de sua relação com Allen, e como se viu mais tarde Neal cansou-se daquilo, especificamente da veadagem e voltou aos seus hábitos naturais, mas isso não interessa. No mês de julho de 1947, tendo terminado metade do meu romance e economizado uns cinquenta dólares da minha velha pensão de veterano eu estava pronto para ir à Costa Oeste. Meu amigo Henri Cru havia escrito uma carta de San Francisco dizendo que eu deveria ir pra lá e embarcar com ele num navio para uma volta ao mundo. Ele jurava que conseguiria me arranjar um lugar na casa de máquinas. Respondi dizendo que já estaria satisfeito com um velho cargueiro qualquer contanto que pudesse dar umas longas navegadas pelo Pacífico e voltar com dinheiro suficiente para me sustentar na casa de minha mãe enquanto terminava meu livro. Ele disse que tinha uma cabana em Marin City e que lá eu teria todo o tempo do mundo para escrever enquanto a gente aguardasse a aporrinhção burocrática antes de pegar o navio. Ele estava morando com uma garota chamada Diane, disse que ela era uma cozinheira maravilhosa e que tudo daria certo. Henri era um velho colega da escola preparatória, um francês criado em Paris e na França e um cara realmente muito louco --- nessa época eu não imaginava o quanto e como. Assim ele aguardava minha chegada para dentro de uns dez dias. Escrevi confirmando.... sem fazer ideia do quanto eu acabaria envolvido na estrada. Minha mãe estava inteiramente de acordo com minha viagem para o oeste,

ela disse que aquilo me faria bem, eu havia trabalhado duro durante todo o inverno e ficado demais dentro de casa; ela não reclamou muito nem mesmo quando eu lhe disse que teria que pegar umas caronas, no geral isso a assustava, ela achava que não seria bom para mim. Tudo que ela esperava era que eu voltasse inteiro. Assim certa manhã deixando meu grosso manuscrito incompleto sobre a escrivadinha, e dobrando pela última vez meus confortáveis lençóis caseiros, parti com meu saco de viagem no qual poucas coisas fundamentais foram enfiadas, deixei um bilhete para minha mãe, que estava no trabalho, e caí fora em direção ao Oceano Pacífico como um autêntico Ismael com cinquenta dólares no bolso. Que enrascada me meti de saída! Ao olhar para trás é incrível que eu possa ter sido tão burro. Eu tinha esquadrihado mapas dos Estados Unidos durante meses em Ozone Park, e até lido livros sobre os pioneiros e saboreado nomes como Platte e Cimarron e tudo mais, e no mapa rodoviário havia uma longa linha vermelha chamada Rota Seis que conduzia da ponta de Cape Cod direto a Ely Nevada e dali mergulhava em direção a Los Angeles. “Simplesmente vou ficar na seis o tempo inteiro até Ely”, disse a mim mesmo e confiantemente dei a partida. Para pegar a seis, eu deveria subir até Bear Mtn. Nova York. Sonhando com o que faria em Chicago, Denver, e finalmente em San Fran, peguei o metrô da 7ª avenida até o fim da linha na rua 242, bem ao lado de Horace Mann a escola preparatória onde de fato conheci Henri Cru que estava indo ver, e lá tomei o trólebus para Yonkers; do centro de Yonkers um novo trólebus me conduziu até os limites da cidade na margem leste do rio Hudson. Se você jogar uma rosa no rio Hudson em sua misteriosa foz perto de Saratoga imagine todos os lugares pelos quais ela viajará antes de desaparecer no mar para sempre.. pense no sublime vale do Hudson. Comecei a subida de carona. Cinco caronas me conduziram à ambicionada ponte de Bear Mtn. onde a Rota 6 entra em arco vinda da Nova Inglaterra. Eu tinha visões dali, jamais sonhei que fosse como era. Em primeiro lugar começou a chover torrencialmente assim que fui deixado ali. Era uma zona montanhosa. A seis vinha da floresta, fazia um

enorme retorno (depois de cruzar a ponte, quero dizer) e desaparecia de novo na floresta. Não só não havia nenhum tráfego como também chovia a cântaros e eu não tinha onde me abrigar. Tive que correr para baixo de alguns pinheiros para me cobrir; o que não adiantou; comecei a chorar e a praguejar e a esmurrar a própria cabeça por ser tão estúpido. Estava uns sessenta quilômetros ao norte de Nova York, durante todo o caminho já estava cismado com o fato de, nesse meu primeiro grande dia, estar avançando apenas para o norte em vez de seguir para o desejado, o tão ansiado oeste. Agora estava empacado em minha enrascada mais setentrional. Corri uns quinhentos metros até um posto de gasolina abandonado construído num elegante estilo inglês e parei debaixo de um telhado gotejante. Muito acima de minha cabeça a hirsuta e imponente Bear Mtn. enviava trovões que gelavam minha alma. Tudo o que eu podia distinguir eram árvores nebulosas e a desolada vastidão elevando-se aos céus. “Que diabos estou fazendo aqui em cima?” xinguei implorando por Chicago... “Agora mesmo estão todos lá numa boa, fazendo coisas, não estou lá, quando vou chegar lá!” etc.... Finalmente um carro parou no posto abandonado, o homem e as duas mulheres que estavam nele queriam consultar um mapa. Aproximei-me no ato e gesticulei na chuva; eles se questionaram; claro que eu parecia um maníaco com meu cabelo todo molhado e os sapatos encharcados... meus sapatos, que perfeito idiota eu sou, eram umas alpargatas mexicanas de corda trançada que, conforme um cara me disse depois em Wyoming, com certeza brotariam se fossem plantadas --- peneiras com aspecto de planta impróprias para a noite chuvosa da América e para a noite sempre rude da estrada. Mas eles me deixaram entrar e me levaram de volta para Newburgh o que aceitei como uma alternativa melhor do que ficar preso na desoladora Bear Mtn a noite inteira. “Além disso disse o homem praticamente não há tráfego pela seis... se você quer ir para Chicago seria melhor sair pelo túnel Holland em NY e seguir em direção a Pittsburgh” e eu sabia que ele estava certo. Era meu sonho se ferrando, a ideia caseira idiota de que seria maravilhoso seguir uma única e grande linha vermelha através da América em

vez de tentar várias estradas e rotas. Essa é a minha trágica rota Seis - - vai ter mais disso, também. Em Newburgh tinha parado de chover. Caminhei até o rio, e no meio de tudo isso tive que voltar para NY num ônibus junto com uma delegação de professores primários que retornavam de um fim de semana nas Mtns. - - lero-lero blá-blá-blá e eu praguejando por causa de todo o tempo e dinheiro que tinha gasto, e dizendo a mim mesmo “Eu queria ir para o oeste e fiquei todo o dia e noite adentro indo pra cima e pra baixo, para o norte e para o sul, como uma coisa que não engrena”. Jurei que estaria em Chicago amanhã; e garanti que isso acontecesse, pegando um ônibus até Chicago, gastando quase todo o meu dinheiro, mas eu estava pouco me lixando, contanto que estivesse na maldita Chicago amanhã. O ônibus partiu às 2 horas da manhã da estação da R. 34 mais ou menos dezesseis horas depois de eu ter passado por ali na minha ida até a Rota Seis. Minha tola e envergonhada carcaça foi transportada para o oeste. Mas pelo menos eu finalmente rumava para lá. Não vou descrever a viagem para Chicago, foi uma viagem de ônibus ordinária com bebês chorões e de vez em quando sol escaldante e caipiras embarcando em tudo quanto é cidade da Penn, e coisa e tal, até que atingimos as planícies de Ohio e então realmente rodamos, direto até Ashtabula e rasgando Indiana noite adentro rumo a Chicago. Cheguei em Chicago no romper da aurora, arranjei um quarto na ACM e caí na cama com uns poucos dólares no bolso em consequência da minha bobeira. Curti Chicago depois de um bom dia de sono. O vento do Lago Michigan, o pessoal, bop no Loop, longas caminhadas ao redor de Halsted S. e Clark N. e uma longa caminhada pela selva de pedra na madrugada quando uma radiopatrulha me seguiu como se eu fosse suspeito. Nessa época, 1947, o bop se alastrava loucamente pela América, mas ainda não havia se tornado o que é hoje. Os caras no Loop continuavam soprando, mas com um ar fatigado porque o bop estava em algum ponto entre o período ornitológico de Charley Parker e outro período que começou realmente com Miles Davis. E enquanto eu estava sentado ali ouvindo aquele som noturno que o bop veio representar para todos nós, pensei

em todos meus amigos espalhados de um canto a outro da nação e em como todos eles na verdade viviam dentro dos limites de um único e imenso quintal fazendo alguma coisa frenética e correndo de um lado para outro. E pela primeira vez na minha vida, na tarde seguinte, segui para o oeste. Era um lindo dia ensolarado para cair na estrada. Para fugir da impossível complexidade do tráfego de Chicago peguei um ônibus até Joliet, Illinois, cruzei pela penitenciária de Joliet, e me parei na periferia da cidade, depois de uma caminhada por suas minúsculas ruas frondosas, deixando meu dedo apontar o caminho. Todo o percurso de Nova York até Joliet de ônibus de fato, e me restavam uns 20 dólares. Minha primeira carona foi num caminhão carregado de dinamite com bandeira vermelha, uns cinquenta quilômetros pela esverdeada amplitude do Illinois, com o caminhoneiro apontando o lugar onde a Rota 6 em que a gente estava se juntava com a Rota 66 antes de ambas mergulharem nas inimagináveis vastidões do oeste. Por volta das três da tarde depois de uma torta de maçã e um sorvete num bar de beira de estrada uma mulher parou seu pequeno cupê para mim. Tive uma pontada de excitação ao correr até o carro. Mas era uma mulher de meia-idade, de fato mãe de filhos da minha idade, que queria alguém para ajudá-la a dirigir até o Iowa. Era uma boa. Iowa! não muito longe de Denver, e assim que eu chegasse a Denver poderia relaxar. Ela dirigiu as primeiras horas; a certa altura insistiu em visitar uma velha igreja sei lá onde, como se fôssemos turistas, e depois assumi o volante, e mesmo não sendo lá grande motorista dirigi direto pelo restante do Illinois até Davenport, Iowa, via Rock Island. E foi então que vi pela primeira vez na vida meu amado rio Mississippi --- raso sob a bruma do verão, quase seco, com o odor desagradável que cheira como o próprio corpo vivo da América porque ele a lava. Rock Island --- trilhos de trem, barracos, o insignificante centro da cidade; e do outro lado da ponte para Davenport, o mesmo tipo de cidade, tudo cheirando a serragem sob o sol abafado do Meio Oeste. Ali a mulher tinha que seguir por outra estrada até sua cidade natal no Iowa; e eu saltei fora. O sol se punha. Andei, depois de umas cervejas geladas, até os

arrabaldes da cidade, e foi uma longa caminhada. Todos os homens voltavam do trabalho para casa.. usando chapéus de ferroviários, chapéus de beisebol, todos os tipos de chapéus, como depois do expediente em qualquer cidade de qualquer lugar. Um deles me deu uma carona até o topo de uma colina e me deixou numa vasta encruzilhada isolada na beira da pradaria. Era lindo ali. Do outro lado da rua havia um Motel, o primeiro de muitos motéis que eu veria no oeste. Os únicos carros que passavam eram carros de fazendeiros, eles me lançavam olhares desconfiados, sacolejavam adiante, o gado ia para casa. Nem um só caminhão. Uns poucos carros sibilantes. Um garotão passou com seu carango envenenado e um cachecol esvoaçante. O sol se pôs por completo e lá estava eu de pé na escuridão purpúrea. Agora eu estava com medo. Não havia luz alguma nos campos do Iowa; em um minuto eu não seria visto por mais ninguém. Felizmente um sujeito que voltava a Davenport me deu uma carona até o centro da cidade. Só que lá estava eu de volta ao ponto de partida. Fui sentar na rodoviária e refletir sobre a situação. Comi outra torta de maçã com sorvete, foi praticamente só o que comi durante toda a viagem através do país, eu sabia que era nutritivo e claro que delicioso. Decidi arriscar. Peguei um ônibus no centro de Davenport, depois de passar meia hora paquerando a garçonete no bar da rodoviária, e retornei aos limites da cidade, mas dessa vez perto dos postos de gasolina. Aqui os grandes caminhões roncavam, vrumm, e em dois minutos um deles parou aos solavancos para me apanhar. Corri até lá exultante. E que motorista... um caminhoneiro enorme e durão com olhos esbugalhados e uma voz rouca e arranhada que dava porradas e chutes em tudo e pisava fundo fazendo aquela máquina rodar sem dar a menor bola para mim de modo que pude descansar um pouco minha alma fatigada... já que um dos maiores problemas de se viajar de carona é ter de falar com incontáveis pessoas, fazer com que sintam que não cometeram um erro ao apanhar você, indo quase ao ponto de entretê-las, e tudo isso resulta num esforço enorme se o percurso é longo e você não está a fim de dormir em hotéis. O cara simplesmente berrava mais alto do que o ronco do motor

e tudo o que eu tinha a fazer era gritar uma resposta, e relaxamos. Ele deixou aquele monstrengo rolar até (Rapid City Iowa) berrando histórias engraçadíssimas sobre como burlava a lei em cada cidade que tinha limites de velocidade estritos, repetindo milhares de vezes “Esses malditos tiras nunca conseguiram meter no meu rabo”. E ele era maravilhoso. E fez uma coisa maravilhosa por mim. Quando rodávamos pelas proximidades de Rapid City ele viu outro caminhão vindo atrás de nós, e como ele tinha que sair em Rapid City, piscou as sinaleiras para o outro cara e diminuiu a velocidade para que eu saltasse, o que fiz com minha mochila, e, ao perceber o sinal, o outro caminhão parou para me apanhar, e num piscar de olhos lá estava eu de novo numa espaçosa cabina elevada, preparado para avançar centenas de quilômetros noite adentro, e feliz da vida! E o novo caminhoneiro era tão louco quanto o primeiro e gritava tanto quanto aquele e tudo o que eu tinha a fazer era me recostar e relaxar minha alma e deixar rolar. Agora podia ver a silhueta de Denver agigantando-se à minha frente como a Terra Prometida, lá fora sob as estrelas, através das pradarias do Iowa e pelas planícies do Nebraska, e pude ter uma visão grandiosa de San Francisco mais adiante como joias à noite. Ele meteu o pé na tábua contando histórias por algumas horas até que, em Stuart, uma cidade do Iowa, onde anos mais tarde Neal e eu fomos detidos sob suspeita de estarmos dirigindo um Cadillac roubado, ele dormiu no assento por umas horas. Eu também dormi; e dei uma pequena caminhada por entre solitárias paredes de tijolos iluminadas por uma única lâmpada, com a pradaria brotando ao final de cada ruazinha e o cheiro do milho como orvalho da noite. Ele acordou num sobressalto ao amanhecer. Lá fomos nós, e uma hora depois surgiu à nossa frente a fumaça de Des Moines além do milharal esverdeado. Ele quis tomar seu café da manhã e diminuir o ritmo, então fiz o resto do trajeto direto para Des Moines, uns seis quilômetros, pegando uma carona com dois garotos da U. do Iowa; e foi estranho sentar no carro confortável e novo em folha e ouvi-los falar sobre seus exames enquanto deslizávamos suavemente para dentro da cidade. Agora eu queria dormir o dia inteiro e seguir até

chegar em Denver. Fui à ACM batalhar um quarto, não havia nenhum, e por instinto perambulei até os trilhos de trem - - e tem um monte deles em Des Moines - - e acabei numa velha pensão sombria junto à oficina das locomotivas e passei um longo dia maravilhoso dormindo numa grande cama branca e dura e limpa com palavrões rabiscados na parede ao lado do meu travesseiro e as surradas persianas amarelas emoldurando a enfumaçada paisagem ferroviária. Acordei com o sol rubro do fim de tarde; e aquele foi um momento marcante em minha vida, o mais bizarro de todos, quando não soube quem eu era... estava longe de casa assombrado e fatigado pela viagem, num quarto de hotel barato que nunca vira antes, ouvindo o silvo das locomotivas, e o ranger das velhas madeiras do hotel, e passos no andar de cima e todos aqueles sons melancólicos, e olhei para o teto rachado e por quinze estranhos segundos realmente não soube quem eu era. Não fiquei apavorado, eu simplesmente era uma outra pessoa, um estranho, e toda a minha existência era uma vida mal-assombrada, a vida de um fantasma... Eu estava na metade da América, na linha divisória entre o Leste da minha juventude e o Oeste do meu futuro, e é provável que tenha sido exatamente por isso que tudo se passou bem ali naquele estranho entardecer avermelhado. Mas era hora de parar com as lamentações e partir, então apanhei minha mochila, disse adeus ao velho recepcionista sentado ao lado de sua escarradeira, e fui comer. Comi torta de maçã com sorvete --- estava ficando cada vez melhor à medida que eu avançava Iowa adentro, a torta maior, o sorvete mais cremoso. Naquela tarde em Des Moines para onde quer que eu olhasse via inúmeros bandos de garotas lindíssimas --- elas voltavam para suas casas depois das aulas, mas agora eu não tinha tempo para pensamentos desse tipo e jurei que cairia na farra em Denver. Allen Ginsberg já estava em Denver, Neal estava lá; Hal Chase e Ed White estavam lá, era a cidade natal deles; Louanne estava lá; e eu tinha ouvido falar de uma turma muito louca que incluía Bob Burford, sua linda irmã loira Beverly; duas enfermeiras que Neal conhecia, as irmãs Gullion; e até Allen Temko um velho colega com o qual eu me correspondia nos tempos da universidade andava por

lá. Eu ansiava por todos eles com alegria e expectativa. Por isso passei direto por essas meninas bonitas, e as meninas mais bonitas do mundo moram em Des Moines, Iowa. Um cara maluco com uma espécie de caixa de ferramentas sobre rodas, um caminhão cheio de ferramentas, que ele dirigia ficando de pé como um leiteiro moderno, me deu uma carona colina acima; onde peguei imediatamente outra carona de um fazendeiro e seu filho que iam para Adel no Iowa. Nessa cidade, sob um olmo enorme nas proximidades de um posto de gasolina, fiz amizade com outro caroneiro que ficaria comigo por uma parte considerável do resto do caminho. Ele era, quem diria, um típico nova-iorquino, um irlandês que havia passado a maior parte de sua vida profissional dirigindo um caminhão dos Correios e que agora ia ao encontro de uma garota em Denver e de uma nova vida. Acho que ele estava fugindo de alguma coisa em NY, provavelmente da lei. Ele era um legítimo jovem beberrão com o narigão vermelho de 30 anos e normalmente teria me enchido o saco caso eu já não estivesse preparado para qualquer espécie de amizade humana. Ele vestia um suéter surrado e calças largas e não possuía nada que lembrasse uma mochila --- só uma escova de dentes e uns lenços. Ele disse que a gente deveria pegar carona juntos. Eu deveria ter dito não, porque ele parecia péssimo na estrada. Mas ficamos juntos e pegamos carona com um homem taciturno até Stuart Iowa, cidade na qual eu estava fadado a ficar realmente atolado. Paramos em frente à bilheteria da estação ferroviária de Stuart esperando pelo tráfego que ia para o oeste até o sol se pôr, uma boas cinco horas... matando tempo primeiro falando sobre nós mesmos, em seguida ele contou umas sacanagens, depois acabamos chutando umas pedrinhas e dizendo todo tipo de bobagem. Enchemos o saco; decidi gastar umas moedas em cerveja; fomos a um velho e tumultuado saloon em Stuart e bebemos algumas. Lá ele ficou tão bêbado quanto sempre ficava em sua caminhada noturna pela Nona Avenida voltando para casa e berrou alegremente em meu ouvido todos os sonhos sórdidos de sua vida. Até que gostei dele; não que fosse um cara legal, como provaria mais tarde, mas se entusiasmava com tudo. Retornamos à estrada

em meio à escuridão e logicamente poucos passaram e ninguém parou. Isso se prolongou até as três da manhã; gastamos um tempo tentando dormir num banco da estação ferroviária, mas o telégrafo martelou a noite inteira e não conseguimos dormir e os enormes trens de carga faziam ruídos estrondosos lá fora. Nem ao menos sabíamos saltar para dentro dos trens em movimento, nunca havíamos feito aquilo antes, nem sabíamos se eles estavam indo para o leste ou para o oeste e como descobrir isso e quais vagões pegar e tudo o mais.. Assim quando o ônibus para Omaha passou pouco antes do amanhecer entramos nele e nos juntamos aos passageiros adormecidos --- para isso gastei a maior parte do resto de meus poucos dólares, a passagem dele e também a minha. Chamava-se Eddie. Me fazia lembrar do sujeito que era casado com minha prima do Brooklyn. Foi por isso que me liguei nele. Era como estar junto com um velho amigo... um pateta simpático e sorridente com o qual falar bobagens. Chegamos a Council Bluffs ao amanhecer; dei uma olhada; durante o inverno inteiro eu estivera lendo sobre os grandes comboios de carroções que se reuniam ali para confabulações antes de pegarem as trilhas do Oregon e de Santa Fé; agora é claro que havia apenas chalés suburbanos engraçadinhos de uma droga de estilo tolo ou outro, alinhados sob o amanhecer cinzento e sombrio. Então Omaha, e meu Deus o primeiro caubói que vi, caminhando junto às paredes gélidas dos armazéns que vendem carne por atacado com um chapéu descomunal e botas texanas, igual a qualquer tipo picareta do leste recostado em um muro ao amanhecer exceto pela vestimenta. Saltamos do ônibus e fomos direto até o topo da colina, a extensa colina formada ao longo de milênios pelo poderoso Missouri, junto ao qual Omaha foi construída, e chegamos à zona rural já com os dedões em prontidão. Pegamos uma carona curta até um entroncamento mais adiante com um fazendeiro rico com chapéu descomunal, e ele disse que o Vale do Nebraska (Platte) era tão soberbo quanto o Vale do Nilo no Egito, e assim que ele disse isso avistei árvores exuberantes serpenteando ao longo do leito do rio e os esplêndidos campos verdejantes ao redor, e quase concordei com ele. Então quando

estávamos parados ali e o céu começava a ficar nublado outro caubói, este com um metro e noventa de altura e com um chapéu mais modesto, se aproximou perguntando se um de nós sabia dirigir. Claro que Eddie sabia, e ele tinha carteira de motorista e eu não. O caubói tinha dois carros e desejava levá-los de volta para Montana. Sua mulher estava dormindo num motel em Grand Island e ele queria que dirigíssemos um dos carros até lá, quando então ela assumiria o volante. Dali em diante ele iria para o norte e esse seria o limite da nossa carona com ele. Mas eram uns bons 200 quilômetros para dentro do Nebraska e lógico que embarcamos nessa. Eddie ia sozinho, o caubói e eu o seguíamos, só que assim que saímos dos limites da cidade ele meteu o pé na tábua a cento e quarenta por hora com um desembaraço fantástico. “Putá merda, o que esse cara está fazendo!” gritou o caubói, e saiu atrás dele. Parecia uma corrida. Por um instante achei que Eddie estava a fim de dar o fora com o carro --- e pelo que sei dele era exatamente isso o que pretendia. Mas o Velho Caubói colou nele e meteu a mão na buzina. Eddie diminuiu. O caubói buzinou para que ele parasse. “Porra, garoto, periga você furar um pneu nessa velocidade. Será que não dá pra ir com mais calma.” “É sério, eu estava realmente a cento e quarenta?” disse Eddie. “Nem percebi nessa estrada tão lisinha.” “Pega um pouco mais leve e chegaremos inteiros em Grand Island.” “Pode crer.” E retomamos a jornada. Eddie se acalmou e até deve ter ficado um pouco sonolento. E assim rodamos uns 200 quilômetros através do Nebraska, acompanhando o Platte S. tortuoso com seus campos verdejantes. “Durante a depressão”, me disse o caubói, “eu costumava saltar nos trens de carga pelo menos uma vez por mês. Naquele tempo havia centenas de homens nos vagões abertos e até mesmo em cima dos vagões de carga, e não eram apenas os vagabundos, havia todo tipo de homens desempregados indo de um lugar pra outro e alguns apenas vagando. Era assim por todo o oeste. Naquela época os guarda-freios nunca incomodavam. Não sei como é hoje. Nebraska, eta lugarzinho inútil. Na metade dos anos 30 isso aqui não passava de uma enorme nuvem de poeira até onde os olhos pudessem ver. Não dava para respirar. O solo era preto.